

Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

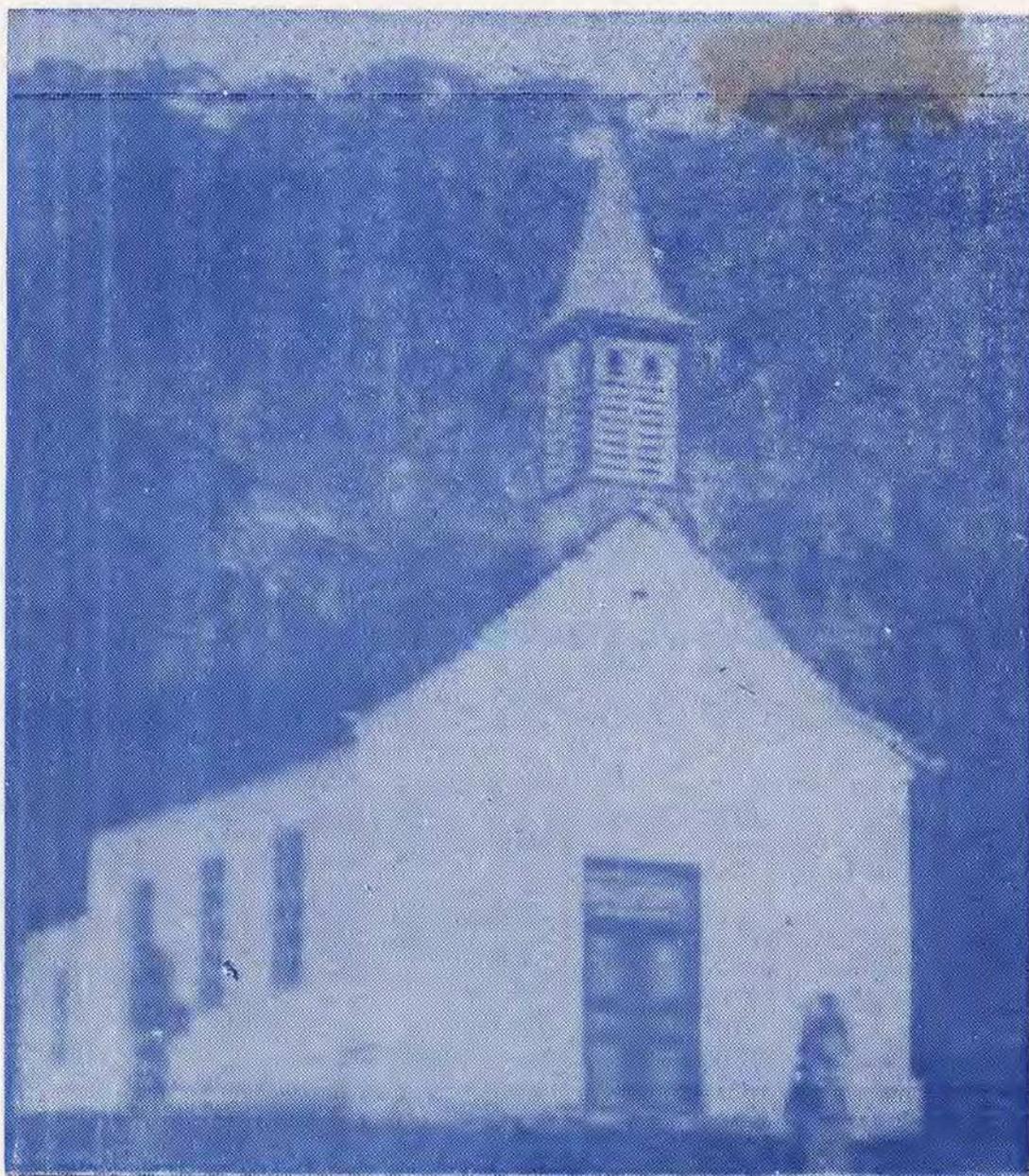
Janeiro de 1992.

Nº. 1

PORTO PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Sul Fabril S/A.
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados
Auto Mecânica Alfredo Breikopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.
Casa Meyer.
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.
Casa Buerger Ltda.
UNIMED - Blumenau
Casa Flamingo Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Janeiro de 1992

Nº. 1

SUMÁRIO

Página

Os Franceses em Santa Catarina / Antônio Roberto Nascimento	2
Subsídios Históricos / Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff	8
História, Fatos e Comentários / W. J. Wandal	10
Autores Catarinenses / Eneas Athanázio	13
20 Anos da «Casa de Brusque»	15
Apiúna / Hermes Justino Patrianova	16
Figura do Passado - Alfredo Baumgarten / Armando Luiz Medeiros . .	17
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (V) / Pe. Antônio Fran- cisco Bohn	22
Conto e Reconto - O Natal de Minha Infância / Apolônia Gastaldi . .	25
Aconteceu . . . Nov/Dez de 1991	26
Colaboração do Prof. Elisario Cattori / Pe. Antônio Francisco Bohn . .	31

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 10.000,00

Numero avulso Cr\$ 500,00 — Atrasado Cr\$ 800,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 15.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

OS FRANCESES EM SANTA CATARINA

Antônio Roberto Nascimento

Diz-se que Santa Catarina é um mosaico cultural formado por elementos das mais diversas etnias. Pouco ou nada se disse ainda sobre os elementos franceses e espanhóis que deram também seu contributo à cultura catari-nense. Dos espanhóis tratamos em trabalho ainda não publicado; dos franceses trataremos aqui, sem intenção, contudo, de esgotarmos o tema.

A política lusa, quanto a Santa Catarina, conforme documento que já tivemos oportunidade de transcrever parcialmente (v. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXII, n. 2, p. 35), foi de assentar os espanhóis "para a parte da Curitiba" (sic) e os franceses "para a parte do Tebiquari e Viamão" (1748). Não sabemos até que ponto essa determinação foi cumprida, pois um século depois vamos encontrar muitos franceses assentados no litoral norte de Santa Catarina. O assentamento dos espanhóis, porém, é mais antigo, coincidindo com a data das instruções lusas.

O primeiro francês aqui radicado parece ter sido o ferreiro Henrique Doin (Cf. Arnoldo Alexandre da Costa, S. Francisco do Sul, 1972, p. 60), natural de Paris, que partiu da França a bordo do bergantim "Jules" com destino a Montevideu, onde chegou em novembro de 1826, de lá voltando ao Rio de Janeiro pela corveta francesa "Zelée", arribada ao porto carioca em março de 1827. Veio para a Ilha de Santa Catarina embarcado na sumaca "Bom Amigo", de onde viajou por terra

a São Francisco do Sul. Incumbido na feitura de novos sinos para a Matriz de N. S^ª. da Graça, uma vez "que se atrevia a fundir de novo os dois sinos" (Cf. Carlos da Costa Pereira, História de S. Francisco do Sul, p. 119), Henrique Doin, "francês de nação", não logrou dar cumprimento ao contrato e teve de pagar quarenta mil réis despendidos com o aluguel de escravos para a remoção dos sinos. Era filho de Guilherme Doin e de Luiza Polar, tendo sido casado, em primeiras núpcias, com a francisquense Suzana Maria da Conceição, filha de Cipriano Inácio de Menezes e de Maria de Jesus, naturais da Ilha de Santa Catarina, neta paterna de João Inácio Espindola e de Maria de Santo Antônio, naturais da Ilha Terceira, e materna de José de Menezes e de Maria de Santo Antônio, natural da Ilha do Faial, com quem teve a filha Maria, batizada aos 3.9.1831 (V. Livro n. 8 de batismos da Matriz da N. S^ª. da Graça), sendo padrinhos os avós maternos. Seu nome completo era Henriques Marins Nicolau Doin e foi casado, em segundo leito, com Ana Maria Wanner, também francesa, ao que supomos, filha ou irmã de Antônio Luiz Wanner, francês, morto aos 25.3.1874 (V. Livro n. 8 de óbitos da Matriz cit.), de hidropisia, com cerca de 60 anos, morador no Acaraí, já viúvo de sua mulher Maria Rosa de Jesus. Esse Antônio Luiz Wanner, Vané, ou Wanné, como foi grafado, era filho de Antônio João de Deus Wanner e de Leonor Maria de Je-

sus, provavelmente franceses também. Em 1870, era o eleitor n. 302 do 12º. quarteirão, quando tinha 46 anos, era viúvo e lavrador (V. documento na Biblioteca Nacional, Relação de eleitores). Sua mulher era filha de Francisco José da Cunha Maciel e de Úrsula Rosa de Jesus, descendentes de colonos açoritais radicados nas proximidades da Penha. Supomos que Antônio Luiz Wanner fosse um dos franceses egresso do Falanstério do Saí e empregado na serraria do Coronel Camacho no Itapocu (cf. W. F. PIAZZA, *Fourierismo em Santa Catarina, Blumenau em Cadernos*, Tomo XIII, p. 66). Antônio Luiz Wanner e Maria Rosa de Jesus também tiveram a filha (ou irmã dele?) Zeferina Wanner, que, em solteira, teve, com Domingos Aduce, também solteiro o filho natural Alexandre, batizado aos 19.6.1851 (v. Livro n. 11 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos Pedro Raimundo e sua mulher Cristina Wanner. Um "Aducci", em 1873, trabalhava na Alfândega em S. Francisco do Sul (informação colhida no Arquivo Judiciário). Cristina Wanner, a dita madrinha, talvez fosse filha, igualmente, desse francês, tendo sido casada com Pedro Raimundo David, estrangeiro, provavelmente francês, com quem teve a filha Luiza, batizada aos 24.11.1852 (livro n. 11 cit.), com três meses, tendo por padrinhos Luiz Wanner da Silveira e sua mulher Ana Generosa de Jesus; o filho Nestor, batizado aos 5.11.1854 (v. Livro n. 12 de batismos da Matriz cit.), com três meses, tendo por padrinhos Joaquim José de Oliveira Cercal e sua mulher Maria Teresa; o filho Rai-

— mundo, batizado aos 15.6.1851 (v. livro n. 11 cit.), com seis meses, tendo por padrinhos Leôncio Aubé, solteiro, e Josefina Deyrolle, casada; e a filha Leonor, batizada aos 3.12.1846 (v. livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), em data bem próxima, portanto, da fundação do Falanstério do Saí, a revelar a origem comum desses franceses, afora o caso de Henrique Doin Sênior. Uma Inácia Maria Wanner, talvez filha de Antônio Luiz Wanner e já falecida por volta de 1873, foi casada com Antônio José da Silva, com quem teve os filhos Verissimo Antônio da Silva, casado com Firmina Martha da Conceição, Leopoldina Maria da Conceição, casada com seu parente Manoel Bento da Silva, Bernardino José da Silva, casado com Maria Francisca da Graça, e Manoel Marcos da Silva, casado com Maria das Dores, filha de Carlos Luiz Fernando Schlier, estrangeiro, e de Rita Maria da Conceição, consoante o batismo do filho Amir, aos 25.12.1879 (v. Livro n. 17 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos João Domingos das Neves e sua filha Igolina Maria das Neves.

Antônio Luiz Wanner e Maria Rosa de Jesus Cunha Maciel tiveram o filho Victorino, batizado aos 14.11.1847 (v. livro n. 10 cit.), com 14 dias, tendo por padrinhos José Francisco Maciel, solteiro, e Carolina Rosa de Jesus, solteira, com 20 anos e solteiro em 1878 (Arq. jud. francisqueense). Tiveram, outrossim, a filha Josefina Maria das Dores, com 19 anos e solteiro em 1868 (id. ib.), casada, aos 14.8.1869 (v. Livro n. 8 de casamentos da Matriz cit.), com Joaquim da Motta Cardoso, filho natural de

Faustina Ria de Jesus, neto paterno de Patricio da Mota e de Theodósia Maria. Tiveram, além dos já citados, a filha Carolina Maria das Dores, casada com José Pedro Maciel, filho de José Francisco Maciel e de Florinda Joaquina de Santa Ana, morto aos 27.5.1887 (v. livro 10 de óbitos da Matriz cit.) em virtude "de envenenamento por mordedura de cobra" (sic). Tiveram, outrossim, a filha Maria Lidia, casada, em 1º.11.1879, em Joinville, com José Tavares dos Santos, viúvo de Delizia Rosa de Jesus, filho de Manoel Antônio dos Santos e de Maria Rosa de Jesus, então já finada. Foi filha deles, outrossim, a Francisca Maria das Neves, casada com Antônio Budal Arins, viúvo de Andreza Maria da Graça, bem como a Laurentina Maria da Conceição, batizada aos 18.1.1846 (v. livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), casada com Francisco Wileke, ou Willekekon, protestante, natural de Hamburgo, filho de pai de igual nome e de Catarina Wyzama. Antônio Luiz Wanner e Maria Rosa de Jesus também foram pais de José, batizado aos 6.7.1849 (v. Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), com 25 dias, tendo por padrinhos Edoardo Deyrolle e sua mulher Josefina Logeune (v. infra).

Um característico desses franceses radicados em Santa Catarina parece ser, S.E.O., a fácil integração na comunidade local, como se vê na frequência dos casamentos inter-étnicos, afora uma ou outra exceção.

O sobredito Henriques Marins Nicolau Doin, ou Henrique Doin Sênior, como preferimos nomeá-lo, teve, de seu segundo leito,

com Ana Maria Wanner, já finada em 1861, a filha Luiza, batizada aos 8.4.1849 (v. Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos Francisco da Cunha Maciel e sua mulher Úrsula Rosa de Jesus; o filho Afonso, batizado aos 12.11.1850 (id. ib.); o filho Eusidório, batizado aos 20.11.1839 (v. Livro n. 9 de batismos da Matriz cit.); e a filha Carolina Luiza da Conceição, casada, aos 15.9.1861 (v. Livro n. 7 de casamentos da Matriz cit.), com Theodoro Wedekin, natural de Holtsshiment (?), Reino de Hannover. Teve, além dos citados, o filho Frederico, batizado aos 16.2.1843 (v. Livro n. 9 cit.), com dois meses, tendo por padrinhos Antônio Luiz Wanner e Maria Rosa de Jesus, e o filho Guilherme, batizado aos 25.5.1845 (id. ib.). Henrique Doin Júnior, outro filho, também ferreiro, qual o pai, foi casado, em primeiras núpcias, com Claudina Rosa de Jesus, filha de Libório da Cunha Maciel e de Ana Tomásia de Jesus, neta paterna de José da Cunha Maciel e de Quitéria Inácia de Jesus, naturais de S. Miguel, e materna de Thomás Pereira da Rosa e de Justina Inácia de Jesus, todos descendentes de colonos açoritais. Foi o inventariante dos bens de sua mulher em 1894 (autos extraviados, relação de inventários francisquenses. O filho Afonso Apolinário Doin, já viúvo de sua primeira mulher Escolástica Herminia Machado, tinha 34 anos aos 5.4.1884 (v. Livro n. 9 de casamentos da Matriz cit.), quando passou a segundo leito com Eugênia Maria da Conceição, filha natural de Leonarda Rita de Jesus. Era "artista" de profissão e teve, talvez do segundo matrimônio, o

filho João Flávio Doin, jornalista (Cf. Arnaldo S. Thiago, História da Literatura Catarinense, p. 502), irmão de Ewaldo Doin, administrador da fazenda em São Paulo. Em 1924, uma Maria Eugênia Doin Maluche teve seus bens inventariados por Frederico Maluche (v. relação de inventários francisquenses). O sobredito Theodoro Wedekin era filho de Andreas Wedekin e de Magdalena Wedekin, ambos também naturais do Reino de Hanover, conforme batismo do filho Ernesto, aos 10.2.1866 (v. Livro n. 14 da Matriz cit.), nascido aos 7 de agosto de 1865, e do filho Henrique, batizado aos 7.4.1863 (id. ib.), ambos havidos com sua primeira mulher Carolina Luiza Doin. Os padrinhos de Ernesto foram Henrique Doin Júnior com "a assistência de Emma Delitsch da Colônia D. Francisca". Já de Henrique foram Henrique Doin e D. Maria Bacellar, representada por D. Jenny Engelke. Henrique Doin Júnior teve seus bens inventariados, em 1911, por Maria Pureza da Graça Doin, sua segunda mulher (v. relação de inventários cit.)

Especificamente ligado ao Falanstério do Saí, como já adiantado em outro trabalho, foi o francês León Ledoux, também grafado Ledoux León, Lodoux Leone e Leôncio Ledoux. Foi casado com Rosa Guizar, ou Guisard, também francesa, conforme batismo do filho Francisco, aos 13.7.1845 (v. livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos Francisco José de Sousa, viúvo, e Gertrudes Carolina Teresa. León Ledoux e Rosa Guisard tiveram seus bens inventariados, em 1927, por Aníbal de Freitas Ledoux (v. relação de in-

ventários cit.). O casal teve também o filho Jorge, batizado aos 7.4.1849 (v. liv. 10 cit.), com nove meses, tendo por padrinhos Frederico Tomás e Josefina Nenevê, "todos naturais da França" (sic). O primogênito seria, ao que supomos, o Alberto Ledoux, casado com Carolina Maria, filha de Antônio Afonso da Costa e de Maria Angélica da Silva, conforme batismo da filha Eugênia, aos 30 de dezembro de 1881 (v. Livro n. 17 de batismos da Matriz cit. fl. 223), nascida aos 29.10.1880, casada, aos 21.2.1922 (v. nota à margem do batismo), com Reinaldo Pereira Maia, tendo por padrinhos Victorino Alves Jacinto e sua mulher Claudina. Alberto Ledoux e Carolina Maria da Conceição também tiveram o filho Alexandre, batizado aos 2 de fevereiro de 1876 (v. livro n. 16 de batismos da Matriz cit.), tendo por padrinhos Germano José da Silveira e sua mulher Luiza Joaquina de Sousa. Jorge Eduardo Ledoux tinha 36 anos e era carpinteiro, aos 12.7.1884, quando casou com Blandina Maria de Freitas, de 20 anos e lavradora, filha de João Laurindo Gomes de Freitas e de Ana Maria da Conceição (v. livro n. 9 de casamentos da Matriz cit.), moradores no Cubatão Grande, neta paterna de Laurindo Gomes de Freitas e de Florentina Vicência, naturais da Ilha de Santa Catarina, e materna de Januário de Oliveira Cercal e de sua segunda mulher Joana Dias da Silveira, com quem teve os filhos Lindolfo, Aníbal, Antônio, Maria e Georgina (v. Arnaldo Alexandre da Costa, ob. cit., p. 37). George Eduardo Ledoux morava no Saí, onde nasceu sua filha Maria de Freitas, com 21 anos aos 17.2.1909 (v. Registros

da Catedral de Joinville), quando casou com João de Oliveira do Nascimento, morador no Boa Vista, de 30 anos, filho de Antônio de Oliveira Borges e de Querina Afonso Moreira. Pela Resolução de 31.1.1931, uma Amália Leal Ledoux foi nomeada professora da escola da Colônia do Saí (v. Coletânea de Leis de 1931).

Outros dos franceses que participaram ativa e especificamente do Falanstério do Saí foram Raymond Nenevé de Josefa Maquinham. Raymonde Nenevé já era finado em 1º.4.1877 (v. registros da Catedral de Joinville), quando seu filho Luciano Alexandre Nenevé, batizado aos 20.1.1842, em S. Francisco do Sul, casou com Baldoína Simões da Silva, nascida e batizada em São José dos Pinhais, Província do Paraná, e moradora "em Bateias disrtito de São Bento", filha de José Simões de Oliveira e de Maria Simões da Silva, também naturais de S. José dos Pinhais. Roberto Luiz Nenevé, nascido aos 18.2.1854 e batizado aos 19 de maio de 1859, já em Joinville (id. ib.). era morador na Estrada D. Francisca, onde era casado com Elisa Amaral Gonçalves de Oliveira, com quem teve a filha Maria Magdalena, batizada aos... 17.8.1893 (id. ib.), nascida aos 24 de maio daquele ano, e a filha Clotilde Paulina, batizada aos 14 de abril de 1895 (id. ib.), nascida aos 20 de março daquele ano. Alexandre Luciano Nenevé foi pai de Manoel Francisco Nenevé, batizado aos 21 de junho de 1880 (id. ib.), nascido aos 15 de abril daquele ano, e morto aos 23.11.1956, em Bateias de Baixo, Comarca de São Bento do Sul (Termo nº. 1.567, fl. 83, Livro C-4), deixando grande descen-

dência na região.

Figura assaz curiosa foi a do Dr. Eduardo Júlio Deyrolles (Cf. Carlos da Costa Pereira Hist. da S. Francisco do Sul, p. 140 a nota 9), que não era doutor em Medicina, senão em Ciências. Juntamente com o Dr. Darrouzain, foi autor do exame médico, procedido no cadáver de Basile Bolaine, assassinado por Desiré Mayons, piloto do brigue que trouxe a segunda leva de colonos franceses e mercê de se haver tomado de amores pela mulher da vítima, Marie Virginie. Já era finado em 1884, quando sua viúva foi presa e chibateada. Deixou, segundo essa informação, sua família na mais extrema miséria. Nada obstante, foi senhor de muitos escravos, conforme se vê no batismo de Aurélia, aos 6.8.1853 (v. Livro n. 11 de batismos da Matriz cit.), crioula, com três meses de idade, filha natural de Rita, "escrava de Eduardo Deyrolles" (sic). Essa mesma escrava teve a filha Germana, batizada aos 29.12.1851 (id. ib.), com cinco meses. Foi senhor, outrossim, de Miguel, "africano", batizado aos 29.12.1851 (id. ib.), com 18 anos, filho de pais incógnitos". Em 1909 (Arq. Jud. de S. Francisco do Sul), foi processado o inventário dos bens dele, onde se vê que além da casa "no morro do antigo Quartel, por detrás da Rua Ipiranga", era proprietário também da Ilha do Cação. Morre "há mais de 20 anos, deixando mulher e filhos, os quais, retirando-se desta cidade para o Rio de Janeiro, de onde se apartaram para lugar ignorado" (sic). Foi casado com Josefina Logeune, também francesa, com quem teve a filha Carolina, batizada aos 29.11.1857 (v. Livro n. 12 de batismos da

Matriz (cit.), com quatro meses, tendo por padrinhos o Dr. José Rodrigues Ferreira, residente no Rio de Janeiro, por procuração apresentada pelo Capitão Francisco Mathias de Carvalho, viúvo, e D. Leopoldina de Lima Ferreira, casada. Teve também o filho Manoel, batizado aos 25.5.1843, com 46 dias, tendo por padrinhos Manoel Joaquim Bacellar e sua mulher Maria Cândida Bacellar (v. Livro n. 9 de batismos da Matriz cit.), que foi o Manoel Júlio Deyrolle, solteiro aos 7.4.1861, quando foi padrinho juntamente com sua mãe. Teve, outrossim, a filha Leontina, batizada aos 10 de agosto de 1850 (v. Livro n. 10 de batismos da Matriz cit.), com a observação de que "tomou no sacramento da confirmação o nome de Catarina" e tendo por padrinhos Leôncio Aubé, solteiro, e Camila Mure, casada. Teve, além dos referidos, a filha Ângela, batizada aos 6.11.1847, o filho Júlio, batizado aos 2.10.1853, e a filha Catarina, batizada aos 15 de abril de 1855 (diversos registros eclesiásticos). Não logramos descobrir quantos desses filhos sobreviveram a ele, nem para onde foram.

Outro francês que acabou ficando pela região, após o malogro do Falanstério do Saí, foi o Venâncio João de Laurié, morto em Joinville, aos 15.1.1888 (v. Registro da Catedral de Joinville), com cerca de 45 anos, de paralisia, "francês", já viúvo de Alexandrina Maria Pereira, "na casa de Antônio Dias, no Cubatão Grande". Quatro anos antes, ou seja, aos 26.4.1884, também morrera em Joinville (id. ib.), Josefina Maquinhain Nenevé, viúva de Raymond Nenevé, lavradora, na-

tural da França, de marasmo, com 73 anos de idade.

A maioria dos falansterianos, porém, foi embora da região e talvez tivesse voltado para a França. Foi o caso, por exemplo, de um Narcizo Deyrolle, casado, provavelmente aparentado com o Dr. Deyrolles acima referido, que foi padrinho de Ernesto, aos 19.10.1845 (Livro n. 10 de batismos da Matriz de N. S.^o da Graça), de dois meses e cinco dias, filho dos "franceses" José Francisco Magnin e Margarida Victorine Bonder, juntamente com a mulher do Dr. Deyrolles, Josefina Logeune. Foi o caso, igualmente, de um Clemente Labbé, solteiro, padrinho de Clemente, aos 17 de julho de 1847 (id. ib.), filho de Bento José Fernandes e de Úrsula Maria de Jesus. O mesmo se deu com Augusto Adolfo Teyssiere e sua mulher Maria Luiza Blaquan, "franceses", que, aos 28.4.1844 (id. ib.), batizaram o filho José, tendo por padrinhos Francisco de Oliveira Cercal e Josefa Maria da Conceição. Talvez fossem dos socialistas franceses que ficaram pela região, S. E. O, Lourenço Gorzet e Esmênia Agostinha Congeçhofem, que, em São Francisco do Sul, batizaram o filho Gustavo, aos 26.5.1858, com quatro meses (Livro n. 13 da Matriz cit.), tendo por padrinhos Gustavo Luiz Lebon e sua mulher Camila Leocádia Mure, bem como o filho Eduardo, aos 8.9.1851, com nove meses (Livro n. 10 da Matriz cit.), tendo por padrinhos Leôncio Aubé, solteiro, e D. Isabel de Beaurepaire, por procuração apresentada por Josefina Logeune, casada.

Do susodito Capitão Gustavo Luiz Lebon, francês também, já

tratamos em biografia especializada, bem como do Dr. Benoit Jules de Mure, cuja única filha casou com o referido Lebon. Homeopata que esteve na colônia do Sai, onde foi proprietário de terras, e depois foi para Santa Maria da Boca do Monte (RS), mencionamos também Nicolau Mongin, ou Mangin.

Um M. Frontin, "cidadão francês" (Cf. C. Ficker, História de Joinville, p. 57), tinha cabana rústica no Caminho do Jurapé, a partir do qual o Rio Cachoeira não seria mais navegável. É muito provável que tenha ido embora também.

De Louis François Léonce Aubé há perfeita identificação biográfica por autores nacionais e estrangeiros.

Em Joinville, teve-se, depois, muito depois da Colônia Socialista do Sai, a presença de Ernesto Canac, comerciante francês, que teve, com Martinha de Brittes, moradora na Estrada do Sul, a filha natural Regina Maria, batizada aos 11.1.1888, nascida aos 22 de maio de 1886 (Registros da Catedral

de Joinville), "reconhecida no assento", por força da Lei n. 463, de 2.9.1847, tendo por padrinhos Libero Guimarães e D. Maria Bastos César de Mello.

Contemporâneo desse comerciante foi o Dr. Etienne Antoine Douat, natural de Bordeaux, França, morador na Rua Alemã, em Joinville, filho Víctor Douat e de D. Maria Clara Micheaue, casado com D. Luiza Amália Martha Douat, filha de Frederico Jordan e de D. Bárbara Meyer, com quem teve, dentre outros, o filho Henrique Douat, com 22 anos aos 14.5.1904 (id. ib.), quando casou com D. Erondina Moreira, de 19 anos, filha de João Eugênio Moreira Sênior e de D. Alexandrina Rosa de Jesus, neta paterna de João Afonso Moreira e de Helena Dias de Santa Ana, e materna de Manoel Machado Gallo Júnior e de Josefa Maria da Conceição, naturais de S. Miguel da Terra Firme e descendentes de colonos açoritais.

Significativa, portanto, a presença da cultura francesa em terras catarinenses.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung». (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

NOTICIA DE 12 DE MARÇO DE 1870:

Dona Francisca, **Voluntários**. — Há quase cinco anos, partiram os nossos voluntários, a fim de se reunirem ao exército em guerra contra o Paraguai. No decorrer do tempo, regressaram para Joinville, o Tenente Hoffmann, Blum, Knape e van Vossen, e estes dias vieram diretamente do Paraguai, em licença de quatro meses, o Sargento L. Richter e o Furriel E. Gänzli. Encontravam-se eles em Rosário, no norte do Paraguai, no

Quartel-General do Marechal Conde d'Eu. De Assunção à Santa Catarina (Florianópolis), viajaram no transporte «Marcílio Dias». Acompanharam-nos até o nosso município, dois outros voluntários, o Capitão Vieira e o Sargento Rocha. Faleceram durante a guerra, vários dos nossos voluntários: Baurath, já na viagem de ida, sepultado nas proximidades de La Paz, von Reibnitz, afogado no Rio Paraná, von der Osten, Meyer, Seiler, Itzfeld, Wenz, Eisendecker e Gräfe, este último falecido no hospital. Dos voluntários ainda vivos, Stern afastou-se das tropas, Tesch e David Gentner foram presos por faltas disciplinares e enviados ao Rio de Janeiro, onde foram liberados e somente Neuschäfer e Majerus ainda se encontram no Quartel-General. O voluntário, colono G. Ziegler, que se juntou ao contingente por ocasião da partida dos voluntários de Desterro, seguiu em licença para Montevidéu. De todo o contingente alemão de voluntários, das colônias Dona Francisca, Blumenau, Santa Isabel e Terezópolis, que se compunha inicialmente de 136 homens, ainda se encontram no campo da batalha 25, atualmente incorporados ao 18º. Batalhão. Dos oficiais voluntários, alguns já regressaram há bastante tempo, sendo: Comandante von Gilsa, Primeiro Tenente von Seckendorf e os Tenentes Hoffmann, Odebrecht, Friedenreich e Sametzki. Um dos oficiais, Tenente Endreny, húngaro, retirou-se também recentemente. O contingente alemão se encontrava a princípio em serviço da Armada, ficando depois longo tempo estacionado na Ilha Cerrito e parte do mesmo foi enviado para Rosário, trinta milhas ao norte de Assunção. Todos os voluntários são unânimes em enaltecer as qualidades do Marechal Conde d'Eu, muito estimado pelos soldados, pois se mostrou sempre como comandante eficiente, compartilhando todas as dificuldades com os seus soldados, presente, em todos os momentos, supervisionando tudo e dando sempre ordens precisas. Sem a sua presença, a guerra se prolongaria por muito mais tempo. Todo o exército se encontra em boa forma, apto para a guerra e a cavalaria também em excelentes condições, servida de ótimos animais. Nada mais há a temer de Lopes, que se retirou com alguns de seus companheiros para as selvas do Mato Grosso, completamente desprovido. Sua fortuna, vinte carroças repletas de dinheiro, ele já perdera em Serro Leon. As tribos indígenas dos botocudos, são os seus inimigos mais ferrenhos e lhe causam os maiores danos nas florestas. A tribos dos coroados, outra seus aliados, também se revoltaram contra ele, devido ao fuzilamento de um de seus caciques. A guerra está, por assim dizer, terminada. Todos os voluntários e os contingentes da Farda Nacional, estão regressando aos lares. Além dos três batalhões de voluntários, que já passaram por Santa Catarina, ainda mais três batalhões, se encontram em viagem num navio que deve aportar nos próximos dias em Desterro. No Paraguai ficaram, por enquanto, acantonados mais ou menos oito mil homens das tropas regulares.

Ainda há a mencionar, que os batalhões de voluntários, por ocasião de sua passagem por Santa Catarina, não se portaram convenientemente, brigando entre si, e conforme consta, houve muitos feridos e até mesmo mortes.

A coleção completa do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

DISCÓRDIAS ENTRE BRASILEIROS E ALEMÃES

W. J. Wandal

(Continuação do número anterior)

Passados aqueles dois fatos de março, voltaram as polêmicas políticas a aparecer na imprensa do Município e até nas conversas das agremiações sociais. Então, a fim de evitarem-se acontecimentos políticos mais graves, a imprensa blumenauense pública, em abril de 1899, o seguinte: "são convidados os eleitores republicanos a reunirem-se no domingo, 9 de abril, às 4 horas da tarde, na casa do senhor Gross. O fim de tal reunião é tratar-se do melhor meio de constituir-se, consultando de perto a vontade do eleitorado, um Diretório para o Partido Republicano, sem que nele prevaleçam as divergências individuais que tentam dividi-lo".

Como resultado dessa reunião, funda-se em 16 de julho desse ano, em Passo Manso, o "Volksverein" (Sociedade Popular), "uma sociedade com fins políticos cujo objetivo era unir o homem do campo para uma participação ativa nas eleições e romper com o então existente sistema protecionista". O movimento para a criação do "Volksverein" teve como seu iniciador Eugen Fouquet, estando naturalizando-se brasileiro e contando com o apoio de Richard Hinsch. Outro objetivo do "Volksverein" era, também, apossar-se do poder municipal nas próximas eleições, além de opôr-se à administração do Dr. José Bonifácio da Cunha.

A polêmica política, iniciando

pequenos conflitos raciais a partir de 1901 em Blumenau, teve como veículo propagador o "Der Urwaldsbote", quando era seu redator Eugen Fouquet, personalidade, até certo ponto, criticada no meio político-administrativo-jornalístico da região. Por tal motivo, convém falarmos um pouco de Fouquet, antes de entrarmos em detalhes sobre a polêmica político-social de 1901, envolvendo nacionais e imigrantes.

Segundo o jornal "Brasil Post", n.º 806, de 14 de maio de 1966, a permanência de Eugen Fouquet em Blumenau era "considerada apenas como de estudo e que seria de caráter transitório, tornou-se definitiva". A ação mais marcante de Fouquet foi no jornalismo, como base para a divulgação de suas idéias políticas, tendendo para um socialismo baseado na capacidade laborativa do homem, em prol do desenvolvimento sócio-econômico comunitário.

"Para a profissão de um jornalista, no melhor sentido da palavra, Eugen Fouquet trouxe em profusão: uma ampla formação cultural, uma pena ágil, um coração aberto, olhar agudo e crítico integridade, um grande dom de oratória mais coragem em expôr clara e precisa sua opinião, como também, de assumir a mesma. Jamais foi um jornalista que colocava seu manto em direção de onde soprava o vento e colegas

que o faziam, e quando os encontrava, encarava-os com profundo desprezo”.

Afirmamos ser criticada a ação de Fouquet, baseados na publicação do “Brasil-Post”, anteriormente mencionada, pois, em certo trecho aquele jornal paulista faz esta alusão ao nosso referenciado:

“Eugen Fouquet provocou muita controvérsia, mas também encontrou muito auxílio e apoio. A controvérsia, a hostilidade declarada chegando até a agressões pessoais vieram, a princípio, de seus opositores políticos em Blumenau, e após 1918, como consequência de sua posição crítica perante a política alemã, de Porto Alegre, Curitiba, São Paulo e mesmo de círculos de sua terra natal, todavia, não do Rio de Janeiro”.

No campo político Eugen Fouquet notabilizou-se pela fundação do “Volksverein”, entidade sócio-política, cuja justificativa de sua criação já foi mencionada. Para maior facilidade em conseguir a participação dos blumenauenses na ação política municipal, fundou durante o congresso do “Volksverein”, ocorrido por ocasião dos festejos de Espírito Santo (26 e 27 de maio de 1901), o “Volkspartei” Partido Popular, tendo como programa de governo:

a) eliminação da bi-tributação do comércio e da indústria pelos Estado e Município;

b) fim dos impostos municipais de exportação e de circulação de mercadorias;

c) criação de imposto, o qual, obriga o parcelamento de grandes áreas de terra que estavam servindo à especulação, com o

propósito de povoamento das mesmas;

d) apoio à agricultura por meio de instalação de núcleos agropecuários através da importação de gado de raça pelo governo estadual e de exposições periódicas de gado e produtos agrícolas, com considerável prêmio em dinheiro para os criadores de destaque;

e) promulgação de lei de proteção às florestas para conter o desmatamento indiscriminado e assim prevenir a devastação da terra;

f) atualização da lei eleitoral;

g) eliminação do sistema de pagamento de funcionários através de gratificações e vantagens;

h) criação duma política de salários fixos e condignos para os funcionários municipais, podendo o governo exigir mais de suas capacidades, dispensando grande parte de funcionários desnecessários”.

Depois de criado o partido e aprovado seu programa de trabalho, Eugen Fouquet falou, ainda, sobre outras ações sociais. “O cultivo das tradições germânicas ficava ao encargo das famílias, das sociedades, da igreja e da escola. “O imigrante”, disse, “ama o País no qual encontrou uma nova pátria, sofre com os males que a atingem e oferece seus préstimos para melhorar a situação”.

Eugen Fouquet requereu sua naturalização de cidadão brasileiro, em fins de 1900, tendo o documento comprobatório de sua nova nacionalidade sido expedido no Rio de Janeiro, em 20 de maio de 1901, trazendo a assinatura de Epitácio Pessoa, Presidente da República, posteriormente, no quadriênio 1919 a 1922. Foi um “cidadão brasileiro que se em-

penhava sem restrições pelo bem de sua nova pátria, sem entretanto, jamais negar sua origem. Durante os anos de sua atividade, Eugen Fouquet foi considerado por amigos e adversários como líder intelectual dos teuto-brasileiros em Santa Catarina e também fora do Estado”.

Os seguidores da doutrina política de Eugen Fouquet, a partir de Alwin Franz Schrader, conseguiram êxito em suas administrações.

“Assim, foi possível chegar a este desenvolvimento com propícias

e encantadoras cidades — hoje divididas em muitos municípios — e”, levando Blumenau a tal expressão, “que passou a ser conhecido de todos nós como o município modelo”, segundo palavras do “Brasil-Post”.

Eugen Fouquet, nascido em Buetow, na Pomerânia, inicialmente, pertencente à França e em 1866, quando nasceu Fouquet, já era domínio germânico, naturalizado brasileiro em 1901, morreu em Blumenau a 9 de janeiro de 1937.

(Continua no próximo nº.)

Cartas

Do nosso colaborador e leitor Armando Luiz Medeiros, recebemos a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1991.

Sr. José Gonçalves
Revista «Blumenau em Cadernos».
Caixa Postal 425
89015 Blumenau SC.

Prezado Senhor Gonçalves

Por sugestão de D. Suely Petry quando da minha visita ao Arquivo Histórico durante o ano passado, passo às suas mãos um artigo sobre a vida do meu avô Alfredo Baumgarten, para publicação em nossa revista.

Digo nossa revista, pois a acompanho desde seu nascimento (é verdade que com alguns grandes intervalos). Recebo-a regularmente e representa, um de meus pontos de contacto com minha cidade de origem.

Estou preparando alguns outros relatos que podem eventualmente representar interesse na publicação, espero mandá-los oportunamente.

Aproveito a ocasião para cumprimentá-lo pelo excelente desempenho, ao manter por tantos anos a qualidade e a regularidade da revista. Sei bem o que isto significa, pois também sou diretor de uma publicação, embora de outro estilo, de uma associação setorial.

Aproveito ainda para enviar meu pedido de renovação de assinatura e alteração de endereço.

Atenciosamente,

Armando Luiz Medeiros

TEMPO DE HOMENAGENS

Iaponan Soares, incansável pesquisador, acaba de dar a público importante livro a respeito de uma figura de realce em nossas letras. Refiro-me ao volume «Salim Miguel — Literatura e Coerência» (Lunardelli/UFSC — Florianópolis — 1991), onde ele reuniu algumas das mais expressivas manifestações críticas a respeito da vida e da obra do conhecido escritor por ocasião do 40º. aniversário de sua estréia literária, com o livro «Velhice e outros Contos», em 1951. Selecionando com muito critério dentro do vasto material existente, aproveitou o Organizador textos de Antônio Hohlfeldt, Edda Arzúa Ferreira, Tânia Regina Oliveira Ramos, Janete Gaspar Machado, Raul Antelo, Tânia Macedo, Guido Wilmar Sassi, Alcides Buss, Mário Pontes, Cícero Sandroni, além de entrevista e depoimento do próprio escritor, minuciosa cronologia, bibliografia ativa e passiva e uma iconografia muito rica.

Muito mais que dar uma visão do pensamento e dos rumos da obra de Salim Miguel, mostra o livro como se iniciou e evoluiu «a realização de um projeto literário que, decorridos quarenta anos, continua em progressivo andamento. Essa obra em curso tem o saldo de cinco livros de contos, três romances e dois volumes de crítica literária», para usar expressões do próprio Organizador. Integrando o grupo que se batia pela renovação do conto brasileiro, Salim Miguel conquistou posição destacada em nossas letras pelo empenho com que se dedicou a essa tarefa e pelos resultados alcançados. «Para Santa Catarina — afirma Iaponan — a obra literária de Salim Miguel tem especial significado, pois é da realidade catarinense que o escritor fala em seus livros, captando-a com suas particularidades intrínsecas e dando-lhe a devida universalidade. A ele também se deve a renovação das atividades culturais catarinenses, quando em 1948, por intermédio do Grupo Sul, com outros intelectuais portadores da mesma inquietação, instaurou aqui o movimento de modernidade pregado pela Semana de 1922.»

A importância do Grupo Sul está muito bem retratada no conhecido livro de Lina Leal Sabino, de que me ocupei num capítulo de «O Perto e o Longe». Testemunhei pessoalmente algumas atividades do Grupo, em sua fase final, quando cheguei em Florianópolis para cursar a Faculdade de Direito. Não apenas a estrela do filme, Lillian Bassanesi, e o escritor Silveira de Souza eram meus colegas de turma, e Walmor Cardoso da Silva, poeta, meu contemporâneo, como muito frequentei a «Livreria do Salim», quartel-general do «bando de malucos» que se filiava ao Grupo. As incompreensões e críticas que sofreu em sua fase heróica são lembradas no livro organizado por Iaponan numa deliciosa crônica de Guido Wilmar Sassi onde, entre outras coisas, diz o seguinte: «Salim Miguel plantou árvores? Ignoro; sei que ele andou espalhando por aí, no Brasil inteiro, mancheias de sementes culturais. «Sul» inspirou a criação de grupos e

revistas literárias: «Litoral» e «Rumos», em Florianópolis e Lages, respectivamente. Também o clube de cinema perfilhou; outros surgiram em Santa Catarina.»

Para concluir, permito-me citar mais uma vez Iaponan Soares: «Muitas são as formas de homenagear um escritor que atingiu determinado estágio em sua obra. Uma delas é fazer a releitura de momentos singulares de seus livros e dimensionar a contribuição que tem dado ao meio em que atua. Este é o nosso propósito ao estudar Salim Miguel nos múltiplos aspectos de sua personalidade.»

Antônio Possidonio Sampaio, advogado na área do Direito Social e escritor com oito livros publicados, escreveu também o prefácio de um de meus livros de contos. No dia 20 de outubro completou 60 anos de uma vida dedicada às letras jurídicas e literárias. Como homenagem, seus amigos publicaram o livro «Retrato e um homem livre», reunindo textos de diversos autores sobre a vida e a obra dessa personalidade marcante que tanto tem dado à nossa cultura.

São homenagens semelhantes, uma perto e outra de longe, mas ambas justas e merecidas. Como são fatos que não costumam acontecer com muita frequência, seus realizadores merecem efusivos parabéns.

UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Publicado pela Fundação «Casa Dr. Blumenau», acaba de aparecer o curioso livro «Memórias de um blumenauense nascido em Goiás», de autoria de Victoriano Cândido da Silva, mais conhecido como Tesoura Júnior. Inquieto e empreendedor, o memorialista se revelou desde cedo amigo das aventuras e das andanças. Numa linguagem simples, sem afetação, ele vai narrando suas experiências desde a saída da terra natal até a definitiva fixação em nosso Estado com a naturalidade de quem relata acontecimentos de viva voz. Radialista e com grande vivência na Sociedade de Blumenau, ele recorda sua longa atuação no jornalismo esportivo da cidade, envolvendo incontáveis personalidades locais, de ontem e de hoje. O relato é povoado de figuras curiosas e de fatos interessantes, tornando o livro uma experiência agradável, em especial para quem se relaciona com Blumenau. É também um depoimento sobre aspectos variados da vida local e estadual no último meio século.

VARIADAS

Está circulando mais um número (nº. 9, 3ª fase) da «Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina», contendo estudos sobre temas históricos e geográficos, notas e informações sobre a vida da Instituição. Destaco o trabalho. «O lugar da sogra na família moderna», de Joana Maria Pedro, um bom exemplo de que abordagens do gênero podem ser vivas e interessantes sem abdicar da fundamentação. A Academia Catarinense de Letras empossou, em sessão solene, a nova ocupante da Cadeira nº. 7, Leatrice Moell-

ter cumprido mais do que a pena de dois meses a que acabou condenado. Sua missão na fracassada tentativa de revolução tinha sido aguardar instruções pelo rádio, por mensagens a ser enviadas do Rio de Janeiro, tão logo fosse confirmado o sucesso do golpe na Capital; para tanto fora necessário seu deslocamento para o litoral, onde a recepção era favorecida pelo mar, permitindo comunicações tanto durante a noite quanto durante o dia... (por ironia do destino e confirmando o permanente princípio brasileiro de impunidade para os poderosos, o mentor do levante, o **Chefe Nacional** Plínio Salgado não sofreu prisão; foi-lhe permitido um tranquilo embarque para o exílio em Portugal).

Aliás, sua escolha para receber as notícias do Rio de Janeiro não fora feita sem razão. Baumgarten era, há muito, um aficionado pelo rádio. Com auxílio do cunhado Scholz, também fotógrafo mas que tinha servido como rádio-operador das forças alemãs durante a primeira guerra, interceptava os despachos telegráficos das agências de notícias internacionais, mantendo o **Zeitung** tão atualizado como qualquer jornal dos grandes centros (foi depois denunciado e teve que interromper esta escuta). O hábito de escutar rádio o acompanhou por toda a vida. Ouvia regularmente todos os noticiários, desde o famoso arauto do **Repórter Esso** até o **Galo** que cantava para anunciar as notícias da **Tupy**, sem perder os da **Rádio Clube** local. A noite sintonizava a **Deutsche Welle** em ondas curtas. Acompanhava com interesse tudo o que se passava, durante um período que cobriu desde a consolidação da República até os lançamentos espa-

ciais e as primeiras sondas interplanetárias.

Mas foi como fotógrafo que Alfredo Baumgarten deixou sua grande obra, não em forma de acervo de algum espaço cultural, mas espalhada na imensa maioria dos lares da grande Blumenau, aqui incluídos muitos dos territórios desmembrados em 1934. Crianças primeiras comunhões, escolas, alunos, casamentos, famílias, clubes, comícios, cerimônias as mais diversas: todas foram por ele retratadas. A ponte da estrada de ferro, o porto fluvial, os canteiros centrais da **Alameda**, o Itajaí correndo ao lado da cidade: tudo virou quadro e cartão postal. E as enchentes! Os flagelos periódicos por que passa a cidade geraram sempre grande interesse por fotografias. A procura após a grande cheia de 11, fotografada com grandes riscos a bordo de uma canoa improvisada, acabou com todo o material disponível; para suprir a demanda, foi necessário um caderno impresso, preparado nas oficinas do **ZEITUNG**, igualmente esgotado. Reproduções de crucifixos ou do rosto de Jesus compunham lindos presentes para ocasiões especiais. Verdadeiro talento artístico era requerido para até gravatas colocar em fotos tiradas com roupa esporte... Tudo uma época que a fotografia, feita com negativos em chapas de vidro já no tamanho final (em ocasiões de carência de materiais, todos então importados, as **chapas** chegavam a ser sensibilizadas em casa!), habilmente retocadas para posterior cópia por contato (em preto-e-branco, naturalmente) e cuidadosa **colorização** à mão, produzia como resultado um trabalho que só estaria terminado ao ser emoldurado. Tudo produzi-

do no **atelier** da **Rua Quinze**, com o carimbo em relevo da **Photographia Baumgarten**.

As **chapas** eram, depois de usadas, cuidadosamente classificadas e arquivadas, para permitir fácil reprodução futura. Baumgarten dizia que este arquivo constituía o verdadeiro patrimônio de um fotógrafo. Lamentavelmente, este seu imenso patrimônio, acumulado durante mais de 40 anos, foi destruído pelas águas da enchente de 57. Como sempre, a força das águas determinando o destino da cidade...

Por algum tempo dedicou-se a documentar em cinema os principais acontecimentos da cidade. Os filmes eram enviados ao **DIP**, o **Departamento de Imprensa e Propaganda** do governo de Getúlio, que selecionava as partes que interessavam, devolvendo o resto, com o pagamento de um preço estipulado pelo próprio **DIP**. Esse negócio havia sido intermediado pelo filho Alfredo, residente no Rio de Janeiro, porém foi cedo abandonado, pois, como o pagamento era raramente recebido, era pouco compensador e de difícil execução. Parte das imagens fixadas no celulóide por sua câmara logrou no entanto sobreviver e hoje se encontra no Arquivo Histórico de Blumenau.

Alfredo Baumgarten foi membro ativo da **Shützenverein**, a Sociedade dos Atiradores, até a interrupção de suas atividades pela guerra (e sua ocupação como quartel do **Batalhão** do exército). Participava de todos os eventos e guardava com orgulho uma boa coleção de medalhas ganhas nas competições, embora nunca tivesse conseguido o primeiro lugar para ser coroado **Rei** (fazia troça, di-

zendo que era melhor ser o segundo, pois ser **Rei** sairia muito caro, pelas bebidas que teria que pagar para todos os camaradas...). Certa vez chegou muito perto do título. Tinha conseguido os dois melhores resultados do dia, acertando o número 12 (o centro) em dois alvos, resultado já considerado definitivo pela maioria dos atiradores, pois já se aproximava o final do torneio. Foi quando apareceu seu companheiro Max Clasen, já bastante alcoolizado, bravejando que iria bater o resultado de Baumgarten; bateu mesmo, acertando o prego central, fazendo cair o alvo! Durante anos os três alvos, emoldurados, fizeram parte da decoração das paredes do **Schützenhaus**. Foi um acontecimento inédito na história da sociedade.

Fazia parte de um grupo de bolão que se reunia regularmente todas as semanas, no Clube Náutico América, para jogar (e beber sua cerveja) até uma idade bastante avançada (entre outros, fizeram parte do grupo os amigos Leopold Rabe, Walter Voss, Benno Hoffmann, Guilherme Pawlowski, Theophel Zadrozny, Willy Scholz além de um Scheidemantel e um Brodersen cujos nomes não me ocorrem).

Seu espírito pioneiro fez com que já em 1923 adquirisse um automóvel, grande sonho do filho recém-falecido. Seu primeiro carro foi um **Ford Sedan** 1920, preto, placa de número 2, comprado de segunda mão em Itajaí, em substituição à **Kutsche** com dois cavalos brancos, seu meio de transporte até então. Aprendeu a guiar ao levá-lo para casa (como de costume, numa época em que para dirigir ainda não se exigia carteira de habilita-

ção...), Como a maioria dos motoristas que começam a dirigir aos quarenta, nunca foi lá muito hábil ao volante, mas jamais sofreu nem provocou algum acidente grave.

Em 1926 construiu uma pequena mas confortável casa em Cabeçudas, usufruída por exatos trinta anos, para onde levava os netos em grupos de dois ou três, durante todos os períodos de férias escolares, tanto de verão como de inverno. Da varanda, via-se o mar (lembro-me muito bem dos inúmeros barcos de pesca à vela, depois substituídas por motores, que de lá se avistavam, saindo pela manhã e voltando à tarde). Os preparativos para as viagens levavam mais de dois dias; muitas vezes até galinhas (vivas, é claro!) acompanhavam a bagagem; ocasionalmente, a geladeira era despachada com antecipação... O percurso pela estrada empoeirada constituía-se em divertida aventura (pelo menos para os netos) sem duração definida, pois em razão de alguma superstição não era permitido olhar para o relógio... As temporadas de férias eram animadas com pescarias e passeios ao farol, à **Prainha** (Praia dos Amores), à **Praia dos Morcegos** e à **Praia Brava**, além dos naturais banhos de mar, de manhã e à tarde. À noite, as conversas, os jogos e as histórias, como a do pescador Otto, desaparecido sem deixar vestígios e que teria sido levado por um submarino alemão... A rotina tranqüila foi, no entanto, aos poucos alterada quando a década de 50 transformou. Cabeçudas, na praia da alta sociedade catarinense (afinal, lá residia Irineu, o Governador do Estado — o poder sempre atrai...). Meu avô, acostumado à vida simples de antes,

passou a procurar um terreno para trocar Cabeçudas por uma praia em ambiente menos sofisticado. Camboriú foi o lugar escolhido; tinha uma bela praia e era um lugar bucólico, não possuindo distribuição de água nem mesmo de energia elétrica (!). Fizemos um sem número de piqueniques na praia, geralmente lá pela foz do rio (sempre de olho na subida da maré, que poderia impedir a volta, de carro, pela praia), em busca de terrenos, mas, felizmente, a tal troca nunca se concretizou.

Foi nesta época que, já septuagenário, heroicamente salvou três de seus netos (minha prima Marina, meu irmão João Alfredo e eu próprio) da morte, carregados por um repuxo, ao lado das pedras que dividem a praia de Cabeçudas. Ao ver a aflição das crianças sendo levadas pela correnteza, e tendo consciência de que não sabiam nadar (nadar era considerado muito perigoso e não recomendável para crianças, pois poderiam aventurar-se demasiadamente...), atirou-se imediatamente à água, retirando os três, com o sacrifício de um par de óculos perdidos. Foi um feito comentado em toda a praia e do qual tinha grande orgulho.

Alfredo Baumgarten aposentou-se em 1943, passando seu **negócio** para o filho Hans, seu continuador na profissão, sem no entanto jamais fazer cessar suas atividades. Por mais dez anos continuou retocando as chapas do **atelier** do filho, com a arte adquirida em seus anos em Leipzig e que exercia com maestria, paciência e dedicação. Esporadicamente ainda fotografava, mas apenas para atender a pedidos especiais. Lia muito. Apreciava a boa música. Gostava de cultivar seu pomar e sua hor-

ta; colhia uvas e morangos saborosíssimos e tomates enormes. Gostava de fazer artefatos de madeira, muitas vezes para presentear seus netos. O Natal era sua festa máxima; os preparativos começavam já antes do início do Advento. Chegada a grande noite, a festa iniciava-se sempre em sua casa. A **árvore** era invariavelmente um pinheiro verdadeiro, adornado com antigos enfeites e velas de cera, em torno do qual todos, filhos e netos, cantávamos as três estrofes da **Noite Feliz**, em coró com o canto desafinado da avó Selma na mesma canção em alemão... (seus **doces de mel** e sua **Stolle** com amêndoas e frutas cristalizadas mais do que compensavam a desafinação...).

De tempos em tempos passava, com a mulher, uma temporada no Rio de Janeiro, em visita ao filho que lá residia. Seu permanente pioneirismo fazia-o experimentar todos os meios de transporte disponíveis; viajaram de navio, avião ou ônibus. Lembro-me muito bem da emoção de sua chegada em um

Curtiss Commander do **Lloyd Aéreo Brasileiro** ainda em 1951, e em 1954, pelo vapor **Carl Hoepcke**, quando, em ambas as ocasiões, fomos apanhá-los em Itajaí.

Enquanto sentiu-se confortável ao dirigir automóvel, foi regularmente à sua Cabeçudas, sempre acompanhado de seu inseparável rádio **Philips** 1939, coberto por uma capa de feltro verde, ocupando o lugar de um passageiro no banco traseiro. Notável pescador, tirava peixes imensos, tanto do rio como do mar, equipado apenas com uma simples vara de bambu e linha de metal (nunca conseguiu se entender com os molinetes; quando os usava, passava a maior parte do tempo da pescaria desembaraçando as linhas...). Fazia um peixe defumado como poucos, preparado dentro de um simples barril, no quintal da casa.

Este foi Alfredo Baumgarten, meu avô. Faleceu em 1967, aos 84 anos, de morte natural. Deixou o que de melhor alguém pode deixar: a melhor das lembranças.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (V)

Pe. Antônio Francisco Bohn.

3º. Livro (1934 — 1983)

ANO DE 1934

Termo 1: Congresso católico em Blumenau, em 02.01.

Termo 2: Renovação das faculdades e provisões, no mês de fevereiro.

Termo 3: Início da doutrina para as crianças da Ia. Eucaristia, no mês de fevereiro.

Termo 4: Instalação do novo município de Gaspar, em 18.03.

Termo 5: Procissão da 6ª. feira santa com grande participação popular.

Termo 6: Celebração da Ia. Eucaristia de 300 crianças na matriz, em 08.04.

Termo 7: Realização da Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 8: Visita "Ad Limina" de D. Pio, em 04.05.

Termo 9: Notícia sobre a instalação de um grupo escolar em Gaspar, no mês de maio.

Termo 10: Informes sobre a escola paroquial (sem data).

Termo 11: Realização da Festa de São Pedro, em junho.

Termo 12: Coleta em favor da catedral de Joinville, em julho.

Termo 13: Realização da Festa do Senhor Bom Jesus (sem data).

Termo 14: Transferência do vigário Fr. Gervásio Kraemer para Canoinhas (sem data).

Termo 15: Chegada do novo vigário Fr. Francisco Xavier, em 06.09.

Termo 16: Viagem do novo vigário a Joinville e licença para a realização de procissões, em 24.09.

Termo 17: Realização da Festa de São Francisco, em 04.10.

Termo 18: Realização da Festa de Cristo Rei e fundação da Cruzada Eucarística na paróquia.

Termo 19: Romaria das Filhas de Maria para Blumenau, em 15.11.

Termo 20: 1ª. Missa de Fr. Canisio Eberhardt, em 08.12.

Termo 21: Viagem do vigário a Joinville para tratar da construção do Salão Cristo Rei e licença para bênçãos com o SS. Sacramento, em 19.12.

Termo 22: Celebração do Natal na matriz, em 25.12.

Termo 23: Realização do 1º. Natal das crianças pobres, em 26.12.

Termo 24: Missa de ação de graças, novena e procissão de luzes para a gruta, em 31.12.

Termo 25: Movimento religioso de 1934: Confissões (27.200), Comunhões (26.493), visitas aos doentes (121), enterros (96), batizados (481), casamentos (94), 1ª. Eucaristias (306), sermões

(344), Apostolado da Oração (886), Congregação Mariana (69), Cruzada Infantil (218), Filhas de Maria (104), Ordem Terceira (33).

ANO DE 1935

Termo 1: Registros de óbitos de Gertrudes Bornhausen e Jacob Lucas Schmitt, em 01.01.

Termo 2: Nomeação de fabri- queiros e 1ª. reunião (sem data).

Termo 3: Festa em benefício da escola paroquial, em 10.02.

Termo 4: Licença para a construção do Salão Cristo Rei, em 20.02.

Termo 5: 1ª. Reunião Geral preparatória de construção, em 03.03.

Termo 6: Viagem do vigário a Florianópolis para tratar da escola paroquial, em 18.02.

Termo 7: Início da doutrina de 1ª. Eucaristia, em 07.03.

Termo 8: Lançamento da pedra fundamental do Salão Cristo Rei, em 19.03.

Termo 9: Equiparação da escola paroquial aos grupos escolares, em 26.03.

Termo 10: Prosseguimento da construção do salão, em 26.03.

Termo 11: Programação da Semana Santa de 1935.

Termo 12: Celebração da 1ª. Eucaristia de 153 crianças na matriz, em 28.04.

Termo 13: Realização da Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 14: Celebração de novenas durante o mês de maio.

Termo 15: Tríduo de São Pascoal, em 17.05.

Termo 16: Bênção e inauguração na gruta da imagem de Santa Bernardete, ofertada pela 1ª. Sra. Maria Cândida Hoeschl.

Termo 17: Armação do Salão Cristo Rei, no início de junho.

Termo 18: Acidente com o vigário na construção, permanecendo enfermo de 04 a 24.06.

Termo 19: Realização da Festa de São Pedro, pregação e participação do coral Santa Cecília.

Termo 20: Licença de D. Pio para o corte de uma faixa de terra da matriz para uso público, em 15.07.

Termo 21: Romaria de 800 homens de passagem por Gaspar, em 28.07.

Termo 22: Profanação da igreja matriz por desconhecidos na noite de 29.07.1935. Telegramas de solidariedade por parte do Sr. Nereu Ramos e de D. Pio, em 31.07.

Termo 23: Realização da festa do Senhor Bom Jesus, em ... 06.08. Inauguração e bênção da nova ponte de Gaspar.

Termo 24: Cumprimento da ordem de D. Pio pedindo orações pela profanação da matriz, em 11.08.

Termo 25: Comemoração do 25º aniversário do decreto "Quam singulari" e comunhão de crianças, em 15.08.

Termo 26: Introdução da Via Sacra semanal nas 6ª. feiras (sem data).

Termo 27: Romaria dos seminaristas de Azambuja à matriz em desagravo pela sua profanação, em 08.09.

Termo 28: Referência ao 25º aniversário de casamento de Gertrudes Schmitt Wehmut, em ... 11.09.

Termo 29: Pintura do salão Cristo Rei, em setembro.

Termo 30: Realização da festa de São Francisco e bênção da nova imagem de Santa Terezinha, doada pela Sra. Benta Cardoso, em 04.10.

Termo 31: Termo da Visita Pastoral de D. Pio de 26 a 29.10.

Termo 32: Festa de inauguração do Salão Cristo Rei, crismas e visita pastoral do bispo, em 27.10.

Termo 33: Visita de D. Pio à Gaspar Central, em 28.10.

Termo 34: Passeio do coral Santa Cecília ao Morro da Cruz e Nova Trento, em 15.11.

Termo 35: Exames finais na escola paroquial, de 20 a 30.11.

Termo 36: Retiro das Filhas de Maria, de 05 a 08.12.

Termo 37: Exposição de trabalhos manuais na escola paroquial, em 14.12.

Termo 38: Natal das crianças pobres da paróquia, em 26.12.

Termo 39: Festa litúrgica do Natal com quadros vivos e cantos, em 26.12.

Termo 40: Missa de ação de graças, em 31.12.

Termo 41: Movimento religioso de 1935: Batizados (504), casamentos (91), confissões (26.113), comunhões (186), sermões (420), visitas aos doentes (114), enterros (63), las. comunhões (186), Apostolado (972), Congregação Mariana (69), Cruzada Infantil (240), Filhas de Maria (129), Ordem Terceira (48).
ANO DE 1936

Termo 1: Viagem do vigário para Rio Negro, de 01 a 17.01.

Termo 2: Início da doutrina de la. Eucaristia, em 11.02.

Termo 3: Provisões de vigário e coadjutor, em 25.02.

Termo 4: Celebração da Semana Santa de 1936.

Termo 5: Procissão da Ressurreição no domingo de Páscoa.

Termo 6: Festa do Jubileu de Ouro de Fr. Solano, em 15.04.

Termo 7: la. Eucaristia de

198 crianças na matriz, em 19.04.

Termo 8: Celebração da Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 9: Romaria a Itajaí das Filhas de Maria, em 17.05.

Termo 10: Festa de São Pedro, em 29.06.

Termo 11: Festa do Senhor Bom Jesus, em 23.08.

Termo 12: Término do "campo de recreio", através de mutirão, em 23.08.

Termo 13: Congresso Eucarístico, de 03 a 06.09.

Termo 14: Festa de São Francisco e cerimônia do Trânsito, em 04.10.

CONTO E RECONTO

O NATAL DE MINHA INFÂNCIA

Apolônia Gastaldi

Era o ano de 1944. Natal. Morávamos no Vale do Itajaí. Meus pais tinham então seis filhos. Nossos vizinhos da frente formavam uma família de origem alemã. Os pais haviam vindo da Alemanha por volta de 1920. As filhas, duas adolescentes, nasceram aqui. Naquela época, um mês antes do Natal a rotina diária começava a mudar. Os preparativos atingiam compras de presentes, fazer doce de Natal com glacê de ovos e açúcar colorido, doce de mel, limpeza geral, enfeites. O cenário ia mudando progressivamente. Os pais ficavam muito atarefados. Costurava-se roupas novas para as crianças. Mamãe recolhia todos os nossos sapatos e levava para consertos. Quando voltavam do sapateiro Stainsack, brilhavam como novos. Algumas aves sumiam do terreiro, iam parar no sevidor, presas na engorda. Recebia-se cartas, cartões, mensagens e promessas de visitas. Havia Missa do Galo.

Naquele ano repetia-se o convite que faziam Dona Cheni e Gustav Daniel. Dia 24, à tardinha, nossa família ia assistir ao início da festa de Natal na casa destes vizinhos. Cordiais, sorridentes, eles nos aguardavam na porta. Vestiam seus melhores trajes. A árvore de Natal estava na sala. Enfeitada de bolas, anjos, fios de prata, velinhas, presentes. Tudo. Logo depois dos cumprimentos nos era dado lugar. Sentávamos comportados e atentos. Os donos da casa falavam pouco em português. Suas filhas haviam feito o quarto ano na escola local e falavam bem, traduziam. Cheni mostrava para minha mãe algumas cartas antigas, de seus parentes lá na Alemanha que em outras épocas haviam escrito pelo Natal. Emocionava-se. Mostrou o último cartão que recebera no início da guerra. Era feito de flores secas que guardavam ainda um pouco da cor natural. Havia uma Edel Weis, a violeta dos alpes. Parecia de veludo. Senhor Daniel oferecera um licor ao meu pai. Mas a maior surpresa estava por vir. Ficamos todos em silêncio e como por milagre a grande árvore que ia do chão ao teto começou a girar lentamente, lentamente... e luzinhas vermelhas acendiam e apagavam piscando enquanto uma música suave e delicada dizia que era Natal. Eu era muito pequena mas, jamais esquecerei.

— DIA 1º. — A explosão de uma bomba de fabricação caseira, fabricada pelo menor Félix Fernando Queirós, residente no bairro Vordstadt, provocou sua morte. O fato ocorreu em sua residência, aonde vivia com sua mãe e avó, as quais nada sofreram, já que a explosão deu-se no quarto que o menor ocupava.

— DIA 2 — O ribeirão Fortaleza, localizado no bairro do mesmo nome, amanheceu coberto de peixes mortos, deixando a suspeita de que alguém tenha despejado quantidade de elementos tóxicos.

— DIA 3 — O Museu da Família Colonial, da Fundação «Casa Dr. Blumenau», abriu atraente exposição de chapéus, que eram usados pelas mulheres nas décadas de 1920 a 1960. São quarenta e um chapéus de diversos modelos, que foram cedidos pela senhora Ellen Vollmer, de seu acervo particular.

— DIA 3 — Prolongadas chuvas que caíram sobre Blumenau e outras cidades da região do Vale do Itajaí, causaram sérios danos, principalmente em erosões, ameaçando inclusive diversos desabamentos. Blumenau também sofreu bastante em seus bairros, com sérias ameaças à segurança da população. Felizmente não houve vítimas a lamentar.

— DIA 5 — No Pavilhão «C» do PROEB foi aberta a I Feira de Ciências de Blumenau — FECIBLU — a II Coletiva de Arte Estudantil — COARTE — e o II PRÊMIO RECRIAR. Foi uma realização da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Blumenau.

— DIA 6 — Na Biblioteca Central da Universidade de Blumenau, aconteceu o coquetel de abertura da exposição ENTALHES, do artista Egon Moskorz, cuja amostra ficou exposta até o dia 16.

— DIA 9 — Nas dependências da Escola de 1º. e 2º. grau «Barão do Rio Branco», foi aberta à visitação pública a Quinta FECIBA — Feira de Ciências dos alunos daquele educandário. Trata-se de um evento de suma importância que visa servir de estímulo aos alunos em geral.

— DIA 10 — A imprensa divulga informações prestadas pelo Secretário de Turismo Frank Graf, sobre os resultados financeiros da 8ª. Oktoberfest. Segundo a informação, a renda bruta foi de um bilhão e quatro milhões de cruzeiros, sendo 520 milhões arrecadados nas bilhe-

terias de ingressos. A informação acrescenta que as despesas com a organização somaram o montante de Cr\$ 784.050.000,00 (setecentos e oitenta e quatro milhões e cinquenta mil cruzeiros), resultando assim num saldo de lucro de cerca de Cr\$ 260.000.000,00. Grande parte deste lucro já estava comprometido com as despesas de ampliações e melhoramentos executados meses antes, do que resultou, na realidade, um saldo líquido de 25 milhões de cruzeiros.

— DIA 12 — No Centro de Convenções do Grande Hotel Blumenau, realizou-se a solenidade de instalação do I Seminário Catarinense de Planejamento Urbano. Na mesma ocasião também foi aberta a 1ª. URBE/SUL, Feira Catarinense de Equipamentos, Materiais e Serviços. A promoção foi da Prefeitura de Blumenau, através da Assessoria de Planejamento.

— DIA 12 — No Grande Auditório do Teatro Carlos Gomes, o Conjunto de Câmara de Florianópolis realizou bela audiência musical, interpretando obras de grandes mestres, como Bach, Vivaldi, Mozart e Domênico Cimarosa.

— DIA 13 — Na Galeria Municipal de Arte «Curt Schroeder», de Rio do Sul, teve lugar concorrido coquetel de abertura da Exposição de Pintura de Rosi Maria Winkler Darius, concomitantemente com o lançamento da Segunda Edição do Livro «Compêndio Histórico e Geográfico de Rio do Sul», do Professor Alfredo Emanuel Cardoso. Numeroso público esteve presente. A exposição de Rosi Darius esteve aberta até o dia 22.

— DIA 16 — Violento temporal se abateu sobre a cidade e bairros de Blumenau, chegando a preocupar grandemente a população por uma repetição do que havia ocorrido há 13 meses atrás. Houve muitos desmoronamentos, com casas atingidas, ruas, pontes, da parte de diversos ribeirões, como os do Garcia, Velha e, especialmente, de Itoupava, bairro mais duramente atingido. A violência das águas levaram o terror a numerosos lares blumenauenses. Felizmente não houve vítimas a lamentar. Os prejuízos tanto para particulares como para o município, foram enormes, calculados em um bilhão de cruzeiros.

— DIA 20 — Perante numerosa assistência, apresentou-se na concha acústica da Prainha, o internacionalmente aplaudido Trio Irakitan, que tanto sucesso tem alcançado desde sua formação em 1950. O afinado trio já tem gravados mais de 50 discos, tanto no Brasil como no exterior.

— DIA 20 — O Circulo de Orquidófilos de Blumenau promoveu a abertura da 76ª. Exposição de Orquídeas e Plantas Ornamentais, tendo por local o Mausoléu Dr. Blumenau. À solenidade estiveram presentes numerosos convidados e autoridades.

— DIA 22 — A continuação da peça «Oh! Calcutá», foi apresentada no grande auditório do Teatro Carlos Gomes, às 21 horas. A montagem é de brasileiros e foi inspirada no texto e enredo originais do autor Norman Kean.

— DIA 25 — No final da tarde, a população de Blumenau viveu momentos de muita apreensão, com o violento temporal que se abateu. Após a trovoadas, os bombeiros foram muito solicitados nos diversos bairros e no centro, para atender, principalmente queda de árvores, enquanto que os plantões da Celesc atendiam a numerosos chamados para restauração da energia elétrica em diversos bairros. Felizmente não houve vítimas e foram elevados os prejuízos causados, numa residência que foi atingida pela queda de árvore

— DIA 25 — Numerosos convidados estiveram presentes ao coquetel com noite de autógrafos, realizado no salão de festas do Vasto Verde, pelo lançamento do livro de Tesoura Jr. «Memórias de um Blumenauense Nascido em Goiás». O livro, editado pela Fundação «Casa Dr. Blumenau» e prefaciado por José Gonçalves, causou excelente impressão a todos, tornando-se alvo de numerosas pessoas de Blumenau e da região, que passaram a procurá-lo nas livrarias da cidade. Na noite de lançamento, Tesoura Jr. autografou mais de uma centena de livros vendidos.

— DIA 28 — O Departamento de Cultura de Blumenau e o ICBA, promoveram o lançamento do filme «O Vôo Solitário», versando sobre a vida e a obra do etnólogo Fritz Plaumann.

— DIA 29 — Na Galeria Municipal de Artes (Projeto Letra Viva), promovido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura e pela Fundação «Casa Dr. Blumenau», realizou-se o lançamento e autógrafos dos seguintes escritores catarinenses: José Roberto Rodrigues «Poliedro»; Martinho Bruning, «Textos Mínimos»; Roberto Diniz Saut, «Dezesseis Poemas Numa Noite Absoluta»; Terezinha Manzack, «Resgate da Emoção»; Tesoura Júnior, «Memórias de um Blumenauense Nascido em Goiás». Na mesma oportunidade foram entregues os prêmios aos vencedores da 2ª edição do «Concurso LIVRESCRITA de Poesias».

Dezembro de 1991

— DIA 2 — O aplaudido coral blumenauense CAMERATA VOCALE apresentou, sob intensos aplausos, no grande auditório do Teatro Carlos Gomes, o tradicional concerto de Natal, cujo espetáculo artístico atraiu para o Teatro Carlos Gomes numerosa assistência. O concerto constou de um variado repertório, tanto de músicas clássicas quanto de populares e tradicionais, agradando plenamente ao auditório.

— DIA 4 — A imprensa informou que o Hospital Santa Isabel ativou a primeira Ala de Cardiologia Clínica da região. Trata-se de uma inova-

ção em que o paciente cardiológico recebe atenção e cuidados diferenciados, através de uma equipe totalmente especializada. A ala está equipada com monitores cardíacos, desfibrilador, bombas de infusão, eletrocardiograma, etc. .

— DIA 4 — A bailarina clássica Ana Botafogo fez neste dia, a sua primeira apresentação em Blumenau, no palco do Teatro Carlos Gomes. A aplaudida artista é considerada uma das maiores expressões da dança nacional. Apresentou-se com igual brilhantismo no festival de Joinville. Em Blumenau, recebeu os mais fartos e entusiásticos aplausos pela maestria de seus números. Seu parceiro de danças, Paulo Rodrigues, é natural de S. Paulo.

— DIA 5 — Foi ativada a ornamentação natalina da cidade, para comemorar o natal de 1991, cujo acontecimento foi, mais uma vez, recebido com euforia pelos blumenauenses e pelos visitantes.

— DIA 6 — Em Timbó, foi aberta, com festiva solenidade, a 3ª. Maniokfest, com a expectativa de receber, nos dez dias de festa, cerca de 80 mil pessoas.

— DIA 6 — Intenso temporal começou a desabar sobre Blumenau, o qual estendeu-se nas quarenta e oito horas seguintes, causando inúmeros estragos em diversas vias públicas, com desmoronamentos e queda de árvores. O corpo de bombeiros teve muito trabalho no atendimento aos inúmeros pedidos de auxílio por parte da população de diversos bairros, principalmente os da Rua Araranguá.

— DIA 6 — Na Fundação Indaialense de Cultura aconteceu, com a presença de numeroso público, a solenidade de abertura da exposição individual do consagrado artista Feliz Conte, um dos pintores mais festejados da vizinha cidade. Seus maravilhosos trabalhos enfocam com extrema perfeição, paisagens do Vale do Itajaí, inclusive as antigas residências dos colonizadores e a magia de nossa flora. Agradecemos o convite recebido.

— DIA 7 — Tiveram início em Blumenau os festejos natalinos. O Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau, e a Fundação «Casa Dr. Blumenau», programaram o «Natal em Blumenau», cujo programa teve prosseguimento até o dia 21, com destaque no Calçadão da rua 15 e outras realizações nos bairros.

— DIA 12 — No espaço cultural da Casa da Manchete, à rua Itajaí, a artista plástica Helcisa Pacheco abriu exposição individual de suas obras constantes de 18 pinturas.

— DIA 13 — A Escola de Ballet do Teatro Carlos Gomes, apresentou, dentro do programa Pró-Dança, um espetáculo contendo 17 coreogra-

fias, ocupando o Grande Auditório daquele Teatro. Alunos adultos daquela escola e também infantis, deram o espetáculo.

— DIA 13 — Na Academia Catarinense de Letras, tomou assento na Cadeira nº. 07, Leatrice Moellmann Pagani. A solenidade realizou-se no Salão Nobre do Palácio Cruz e Souza, às 20 horas, com numeroso público. A nova «imortal» foi saudada pelo acadêmico Paschoal Apóstolo Pítsica.

— DIA 13 — Na Rua Bahia, realizou-se a solenidade de inauguração da Sede Operacional do SAMAE, situada junto à Estação de Tratamento de Água. O ato inaugural foi presidido pelo Prefeito Victor Fernando Sasse.

Na ocasião, o presidente do SAMAE, Carlos Wachholz, pronunciou alocução, fazendo uma prestação de contas de sua longa folha de serviços prestados à população durante sua gestão de três anos, dizendo ser esta inauguração a última que realizaria naquele cargo, uma vez que estava se afastando do SAMAE por desejar candidatar-se à prefeitura de Blumenau nas próximas eleições a realizarem-se em 1992.

— DIA 16 — A Paróquia Santa Isabel, localizada no Bairro Jordão, no Garcia, que tem como pároco, na atualidade, o Padre Antônio Francisco Bohn, nosso prestimoso colaborador, registrou o transcurso de seus 10 anos de elevação à categoria de Paróquia.

— DIA 17 — Com a Lei Complementar nº 22, assinada neste dia pelo Prefeito Victor Fernando Sasse, a Fundação «Casa Dr Blumenau» tornou-se mais ampla em suas atividades, incorporando inclusive o antigo patrimônio da Prefeitura Municipal. Também foi ampliado o setor administrativo, tendo sido nomeado Presidente da Fundação o sr. Frank Graf, que também exerce as funções de Secretário de Turismo. Para o cargo de Diretor Administrativo e Financeiro, foi reconduzido o jornalista José Gonçalves, até então Diretor Executivo e editor desta revista. Nas funções de diretor de Cultura, foi nomeada Ana Luiza Holzer B. Schulz.

— DIA 22 — Os atletas blumenauenses que participaram nos Jogos Abertos de Santa Catarina, em Porto União, foram festivamente recebidos pela população blumenauense, por terem conquistado o título de campeões, com a obtenção de sete troféus, numa competição que reuniu sete mil atletas em sete dias de competição.

— DIA 24 — Nesta véspera de Natal, um violento temporal desabou sobre a cidade, atingindo também vários bairros. Um dos mais atingidos foi o bairro Araranguá, cujas águas descendo dos morros e deslizando pela rua pavimentada, em ladeiras, causaram enormes estragos ao pé do morro, impedindo o trânsito por algumas horas e causando estragos a residências com a invasão da água e lodo. O bairro Araranguá foi o mais atingido e o mais prejudicado pela avalanche das águas.

COLABORAÇÃO DO PROF. ELISARIO CATONNI

Pe. Antônio Francisco Bohn

Recebi no final do mês de novembro uma carta enviada pelo Prof. Elisario Cattoni, de Apucarana, PR. Por se tratar de valiosa colaboração as informações fornecidas, **BLUMENAU EM CADERNOS** julgou-a digna de publicação.

Em sua correspondência, Prof. Cattoni faz menção de uma capela de N. S. da Glória «dita de Santa Maria Assunta ou simplesmente Assunta — «Sunta» do povo — situada no fim da Estrada ou Linha da POMMERSTRASSE», que não aparece nos registros de Tombo anotados pelos padres franciscanos, cujos tombos e números foram já publicados.

Através de contato pelo telefone e por correspondência e, agora através destas páginas, há de se agradecer muitíssimo a valiosa colaboração do Prof. Cattoni para a história de nossa região pelo que se segue:

Os três Livros de Tombo da Paróquia São Paulo Apóstolo de Blumenau: 1º. (1876-1912), 2º. (1912-1924) e 3º. (1924-1968) originais encontram-se desaparecidos. Há uns dois anos atrás encontrei na biblioteca da Fundação Casa Dr. Blumenau uma cópia xerografada dos três Livros. A partir daí compreendi a grande importância da descoberta feita e me dediquei a elaborar uma síntese das anotações. Sobre a dita capela de Santa Maria Assunta não há nenhum termo fazendo referência a ela, e isso pode ter ocorrido por várias razões e/ou pelas esporádicas visitas, mormente por ocasião dos batizados.

Por esta razão, com os argu-

mentos apresentados e as referências a acontecimentos lá acontecidos, tudo leva a crer que possivelmente tenha havido algum descuido nas anotações, tornando a carta do Prof. Cattoni uma colaboração importante na preservação da história da dita capela e dos moradores daquele lugar.

Apucarana (PR), 22 de novembro de 1991.

Revdmo Sr.

PE. ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
a/c «Blumenau em Cadernos».
BLUMENAU/SC

Reverendíssimo Senhor:

Assinante e leitor assíduo da revista citada, catando novas e esclarecimentos sobre quanto respeito diga da imigração em geral, e em especial à trentino-italiana — tão pouco divulgada nesta revista. Seus «REGISTROS DE TOMBO ANOTADOS PELOS PADRES FRANCISCANOS» têm despertado interesse, leitura, esperanças e... decepção. Explico-me!

Reli-os (tomos e n.ºs.) e nada achei de minha capela de N.S. da Glória, dita de Santa Maria Assunta ou simplesmente Assunta — «Sunta» do povo — situada no fim da Estrada ou Linha da POMMERSTRASSE — «Pomestrós» dos italianos — que partia e parte de Timbó em direção ao Norte, onde estancou em 1875 a colonização com 4ª leva trentina de meus bisavós e avós Cattoni, Bagattoli, Berti, Berlanda, Zeni, etc. e dali anos empós adentraria por Rio Adda, galgaria a montanha para se estender a Jaraguá (do Sul). — Tanto o

escritor Aléssio Berri na obra belíssima e preciosa em «A Igreja no Médio Vale do Itajay», nem seus transcritos, citam algo da capela da «Assunta» do local dito primeiro de «Busa» ou «Busa-Assunta» depois e hoje «Alto Pomeranos», de onde ramificam-se estradas ou «tiffas» em nº. de 4, concentrando pois o povo, hoje e outrora, naturalmente, hoje a principal capela da Paróquia. «ASSUNTA» ou «GLÓRIA» é devoção trazida de Cavedine-Trentino p/Cattoni, Bagattoli, Gobber, Gadotti, Travaglia, Moltrea, Berlanda, Zeni e outros... de onde saíram 5 sacerdotes e de onde saíram 5 sacerdotes e dezenas de Irmãs Franciscanas (Catequistas) e inúmeros ex-seminaristas, qual eu.

— Segundo depoimentos de tios meus, houve em Alto Pomeranos, primitivamente uma capela de esteios, depois de madeira 7 x 8 m, que servia de igreja-escola, terreno comprado p/imigrantes, destacado do lote 130 — lote 131-A então — e cujas escrituras a diocese de Joinville nunca acharia (supõe-se que emigrados dali para outros centros e até para a Argentina tenham levado as escrituras...)

— Supus, fosse a padroeira «NOSSA SENHORA DA SAÚDE», como o Sr. diz à p. 264, nº. 9, setembro 1989 — Tomo XXX) em seus trabalhos, dignos de louvor e estudo: Parabéns, mil vezes! Grazie pela História e Igreja!

— Aqui, um esclarecimento histórico; «Aos 3.1.1877 na capela provisória de S. Maria Imaculada de Pommerstrasse, desta Colonia, baptizei solemnemente Giuseppe Angelo Berti, nascido em 8.12.1876, fº. leg. de Antônio Berti e Barbara Dorigatti; avos paternos Giuseppe Berti e Catharina G(C)attone(i),

a.m. Francisco Dorigatti e Maddalena Bosgner; padrinhos: Angelo G(C)attone(i) — meu bisavô e mano de Catharina dita e Dozolina G(C)attone(i) — fª. de m/bisavô dito — (L.I. p. 66, nº.1) Paróquia de S. Paulo Apóstolo de BNU — ass. Pe. J. M. Jacobs».

O que concluir disso? -- Que teve esse nome a capela em foco? Que mudou de padroeira? E, a padroeira da sede de Rio dos Cedros é «Paróquia de N. S. da Imaculada Conceição», teria esta mudado de padroeira também? Ora, na Pommerstrasse havia as capelas: S. Rocco, Santo Antonio Addolorata, S. Maddalena (hoje Caravaggio) e depois a minha em foco: Assunta e em Rio Adda (depois) S. Paulo.

Para concluir meu arrazoado visto e duvidoso, a afoito como eu, que escrevi 2 livros genealógicos paterno e materno e Pe. Victor Vicenzi, meu primo paterno, (avanzado em idade e cansado da memória), escreveu 2 livros sobre Rio dos Cedros, passando ao largo dalguns episódios históricos ou contornando-os, como no caso descrito. «Ma, no fá male» ele, como o Sr. levam os méritos de trazer à baila do olvido assuntos de relevância para seguidores desvendarem verdades e restabelecer páginas corretas das «cozinhas» do passado.

— Parabéns ao Sr. pelo trabalho-fonte de informações relevantes. No futuro, como já demonstrado agora, se demonstrará a importância do Seu suor e colaboração. Se puder receber revisão do meu caso nalguma resposta agradecerei efusivamente.

Com abraços e votos de bem estar em Deus:

Prof. Elisario Cattoni
R. Ouro Branco, 145 — centro
86800 Apucarana — Paraná

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank
Graf — Hans Martin Meyer

DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM, ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA